

# Investigando modos de ser no mundo: uma introdução à pesquisa qualitativa fenomenologicamente fundamentada<sup>1</sup>

Allan Køster  
Anthony Vincent Fernandez

## Resumo

Neste artigo, desenvolvemos uma nova abordagem para integrar a fenomenologia filosófica à pesquisa qualitativa. Essa abordagem utiliza os conceitos da fenomenologia - a saber, os existenciais - ao invés de seus métodos (como a epoché ou as reduções). Apresentamos essa proposta tanto a filósofos quanto a pesquisadores qualitativos, pois acreditamos que a melhor forma de conduzir tais estudos é através da colaboração interdisciplinar. Na seção 1, revisamos o debate sobre o papel da fenomenologia na pesquisa qualitativa, e argumentamos que os pesquisadores qualitativos não têm aproveitado plenamente o que a fenomenologia filosófica tem a oferecer, motivando, assim, a necessidade de novas abordagens. Na seção 2, introduzimos nossa proposta alternativa, que denominamos Pesquisa Qualitativa Fenomenologicamente Fundamentada (PQFF). Estabelecendo paralelos com as aplicações da fenomenologia nas ciências cognitivas, explicamos como fundamentos fenomenológicos podem ser usados para estruturar (*front-load*) conceitualmente um estudo qualitativo, estabelecendo um foco direto em uma ou mais estruturas da existência humana, ou do nosso ser no mundo. Na seção 3, ilustramos essa abordagem com um exemplo de estudo qualitativo realizado por um dos autores: uma investigação sobre o impacto existencial do luto pela perda precoce de algum dos pais. Na seção 4, esclarecemos o tipo de conhecimento que os estudos fenomenologicamente fundamentados produzem e como ele pode ser integrado às abordagens vigentes.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Fenomenologia aplicada; Pesquisa qualitativa; Métodos qualitativos; Heidegger.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE).

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

## ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.  
2026; vol15 (2): 498-529

Published Online  
08 de agosto de 2026  
<https://doi.org/10.37067/rpfc.v15i2.1301>

Allan Køster

Pesquisador e acadêmico atuante no Departamento de Comunicação e Psicologia da Universidade de Aalborg, na Dinamarca. Sua trajetória acadêmica e de pesquisa é centrada na fenomenologia, na psicologia existencial e nos estudos sobre a experiência humana. Com contribuições no campo da saúde mental, com foco especial na compreensão do luto, da dor da perda e das dimensões corporais do self. Possui ligação como pesquisador sênior no Centro Nacional Dinamarquês de Luto.

Contato: allankoester@gmail.com

Anthony Vincent Fernandez

Professor Associado de Filosofia Aplicada e Psicologia Teórica no Departamento de Psicologia e no Departamento de Ciências do Esporte e Biomecânica Clínica da Universidade do Sul da Dinamarca. Membro sênior do Instituto Dinamarquês de Estudos Avançados. Atua como coeditor-chefe da revista *Phenomenology and the Cognitive Sciences*.

Contato:  
fernandez.anthony.v@gmail.com

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado em inglês no periódico *Phenomenology and the Cognitive Sciences* (22, 149–169, 2023). <https://doi.org/10.1007/s11097-020-09723-w>. Traduzido em diálogo direto e com o aval do segundo autor, com apoio de ferramentas de IA e revisão técnica de André Domenici de Alencar (SBPFE), Gabriel Engel Becher (SBPFE) e Marcelo Vieira Lopes (UFSM). Artigo Open Access divulgado nesta revista sob a *Creative Commons Attribution 4.0 International License*, que permite o uso, compartilhamento, adaptação, distribuição e reprodução do artigo.

# Investigating modes of being in the world: an introduction to Phenomenologically grounded qualitative research

Allan Køster  
Anthony Vincent Fernandez

## Abstract

In this article, we develop a new approach to integrating philosophical phenomenology with qualitative research. The approach uses phenomenology's concepts, namely existentials, rather than methods such as the epoché or reductions. We here introduce the approach to both philosophers and qualitative researchers, as we believe that these studies are best conducted through interdisciplinary collaboration. In section 1, we review the debate over phenomenology's role in qualitative research and argue that qualitative theorists have not taken full advantage of what philosophical phenomenology has to offer, thus motivating the need for new approaches. In section 2, we introduce our alternative approach, which we call Phenomenologically Grounded Qualitative Research (PGQR). Drawing parallels with phenomenology's applications in the cognitive sciences, we explain how phenomenological grounding can be used to conceptually front-load a qualitative study, establishing an explicit focus on one or more structures of human existence, or of our being in the world. In section 3, we illustrate this approach with an example of a qualitative study carried out by one of the authors: a study of the existential impact of early parental bereavement. In section 4, we clarify the kind of knowledge that phenomenologically grounded studies generate and how it may be integrated with existing approaches.

**Key-words:** Phenomenology; Applied phenomenology; Qualitative research; Qualitative methods; Heidegger.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE).

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licençaCC BY nc 4.0.

## ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.  
2026; vol15 (2): 498-529

Published Online  
08 de agosto de 2026  
<https://doi.org/10.37067/rpfc.v15i2.1301>

Allan Køster

Pesquisador e acadêmico atuante no Departamento de Comunicação e Psicologia da Universidade de Aalborg, na Dinamarca. Sua trajetória acadêmica e de pesquisa é centrada na fenomenologia, na psicologia existencial e nos estudos sobre a experiência humana. Com contribuições no campo da saúde mental, com foco especial na compreensão do luto, da dor da perda e das dimensões corporais do self. Possui ligação como pesquisador sênior no Centro Nacional Dinamarquês de Luto.

Contato: allankoester@gmail.com

Anthony Vincent Fernandez

Professor Associado de Filosofia Aplicada e Psicologia Teórica no Departamento de Psicologia e no Departamento de Ciências do Esporte e Biomecânica Clínica da Universidade do Sul da Dinamarca. Membro sênior do Instituto Dinamarquês de Estudos Avançados. Atua como coeditor-chefe da revista *Phenomenology and the Cognitive Sciences*.

Contato:  
fernandez.anthony.v@gmail.com

## 1. Introdução

A fenomenologia é uma investigação filosófica da experiência, da subjetividade e do mundo da vida. No entanto, as ciências humanas e sociais, incluindo a psicologia, a educação, a antropologia e a enfermagem, a têm adaptado como um paradigma para pesquisa qualitativa.<sup>2</sup> Em muitas dessas adaptações, utilizam-se os métodos filosóficos da fenomenologia — como a *epoché* e o círculo hermenêutico — e transformam-nos em métodos empíricos que facilitam a realização de entrevistas e a análise de dados. Em outras adaptações, uma abordagem é chamada de fenomenológica simplesmente porque investiga a experiência a partir da perspectiva da primeira pessoa.<sup>3</sup> Entretanto, embora tais pesquisadores se embasem em textos filosóficos, muitos desenvolveram suas metodologias qualitativas sem a colaboração de fenomenólogos com treinamento filosófico. Neste artigo, propomos uma abordagem de integração entre a fenomenologia filosófica e a pesquisa qualitativa que utiliza os conceitos da fenomenologia, em vez de seus métodos, para fundamentar o domínio ou o foco de um estudo qualitativo. Introduzimos essa abordagem tanto para o uso de filósofos quanto para pesquisadores qualitativos, pois acreditamos que esses estudos são melhor conduzidos por meio de uma colaboração interdisciplinar. Na primeira seção, revisamos o debate sobre o papel da fenomenologia na pesquisa qualitativa, e argumentamos que os teóricos qualitativos não têm aproveitado plenamente o que a fenomenologia filosófica pode oferecer, o que motiva a necessidade de novas abordagens. Na segunda seção, introduzimos nossa proposta alternativa, que denominamos Pesquisa Qualitativa Fenomenologicamente Fundamentada (PQFF). Estabelecendo paralelos com as aplicações da fenomenologia nas ciências cognitivas, explicamos como a fundamentação fenomenológica pode ser usada para estruturar (*front-load*) conceitualmente um estudo qualitativo, estabelecendo um foco direto em uma ou mais estruturas da existência humana, ou do nosso ser no

---

<sup>2</sup> Algumas das abordagens mais conhecidas foram desenvolvidas por Peter Ashworth (2003), Paul Colaizzi (1978), Karin Dahlberg et al. (2008), Amedeo Giorgi (2009), Darren Langdridge (2007), Max van Manen (2016), Claire Petitmengin (2006) e Jonathan Smith et al. (2009).

<sup>3</sup> Shaun Gallagher argumenta que algumas dessas abordagens não alcançam sequer a experiência vivida do entrevistado; em vez disso, abordam apenas opiniões ou explicações sobre como o entrevistado se sentiu em relação a determinada experiência (2012, p. 306).

mundo<sup>4</sup>. Na terceira seção, ilustramos essa abordagem com um exemplo de estudo qualitativo realizado por um dos autores: um estudo sobre o impacto existencial do luto pela perda precoce de algum dos pais. Na quarta seção, esclarecemos o tipo de conhecimento que os estudos fenomenologicamente fundamentados geram e como esse conhecimento pode ser integrado às abordagens vigentes.

## 2. Fenomenologia e pesquisa qualitativa: o estado atual do debate

A maioria dos teóricos da pesquisa qualitativa fenomenológica afirma ter suas raízes na tradição filosófica da fenomenologia. No entanto, o grau em que suas abordagens são genuinamente fenomenológicas se tornou objeto de debate. Tanto Amedeo Giorgi (2010) quanto Max van Manen (2017) questionaram os fundamentos filosóficos da Análise Fenomenológica Interpretativa (*Interpretative Phenomenological Analysis* — IPA), de Jonathan Smith, uma das abordagens fenomenológicas mais populares na pesquisa qualitativa contemporânea. Smith (2010, 2018) defendeu os fundamentos filosóficos de sua abordagem, argumentando que ela se baseia amplamente em textos fenomenológicos e hermenêuticos clássicos, incluindo as obras de Edmund Husserl, Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer. No entanto, tanto Giorgi (2011) quanto van Manen (2018) permanecem céticos a esse respeito. Giorgi reconheceu que o método de Smith possui alguma inspiração hermenêutica, mas argumentou que o autor interpreta de forma equivocada aspectos centrais do método fenomenológico, em especial no que diz respeito às noções de suspensão e redução. Van Manen apresentou uma linha de argumentação semelhante, sugerindo que Smith não distingue adequadamente os métodos fenomenológicos dos métodos psicológicos. Seguindo a crítica mais recente de van Manen, Dan Zahavi (2018, 2019; Zahavi e Martiny 2019) questionou os fundamentos filosóficos tanto das abordagens de Giorgi quanto de van Manen. Ele argumentou que ambos interpretam mal ou (ao menos no caso de Giorgi), aplicam incorretamente diversos aspectos do método fenomenológico — especialmente a *epoché* ou redução. Van Manen (2019) defendeu sua própria posição, e James Morley (2019), por sua vez, defendeu a de Giorgi. No entanto, o debate segue, com Zahavi (2020) aprofundando sua crítica à abordagem de van

---

<sup>4</sup> [Nota do tradutor: sem hífen no original, opção que se manterá nas demais ocorrências da mesma expressão na versão traduzida.]

Manen.

A legitimidade dessas abordagens deriva, em grande parte, de sua linhagem filosófica, a qual agora está em questão. E, na esteira desses debates, muitos pesquisadores qualitativos tornaram-se céticos em relação às abordagens fenomenológicas. No entanto, esse ceticismo e preocupação mostraram-se produtivos, afinal. Já é possível observar que teóricos da pesquisa qualitativa aproveitaram a circunstância para esclarecer o modo como utilizam a fenomenologia, incluindo sua abordagem fenomenológica para entrevistas.<sup>5</sup> Espera-se que essa tendência persista, ensejando um aprimoramento e uma clarificação das metodologias atuais.

A abordagem que introduzimos aqui, entretanto, diverge de maneira significativa das abordagens dominantes da pesquisa qualitativa fenomenológica (incluindo as supracitadas de Giorgi, van Manen e Smith). Nossa proposta não se utiliza propriamente dos métodos da fenomenologia filosófica, embora possa ser compatível com abordagens que o façam. Em vez disso, ela se baseia nos conceitos da fenomenologia filosófica — especificamente naquilo que os fenomenólogos chamam de estruturas “invariantes” ou “existenciais”, e o que Heidegger denomina simplesmente de “existenciais”. Como explicaremos na seção seguinte, essas características estruturais da existência humana (ou ser no mundo) podem ser utilizadas para fundamentar o domínio de um estudo qualitativo. Elas fornecem um arcabouço que permite ao pesquisador qualitativo concentrar-se em um aspecto específico da existência humana, e investigar seus modos particulares. Ao fazê-lo, nossa abordagem se vale de diversos conceitos filosóficos da fenomenologia, de modos que outras abordagens em pesquisa qualitativa não fazem.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Um exemplo pode ser encontrado no trabalho de Magnus Englander, que já havia escrito sobre abordagens fenomenológicas para entrevistas (Englander 2012), mas, após a crítica de Zahavi, voltou ao tema e clarificou sua concepção (Englander 2020).

<sup>6</sup> Os leitores familiarizados com abordagens fenomenológicas em pesquisa qualitativa podem reconhecer uma aparente semelhança com o trabalho de van Manen (1990, 2016), Ashworth (2003, 2016) e Les Todres et al., (2007; ver também Dahlberg et al., 2009; Todres et al., 2009). Todos esses autores recorrem a existenciais, embora possam se referir a eles com nomes diferentes (Ashworth os chama de “frações do mundo-da-vida” e Todres, Galvin e Dahlberg os chamam de “constituintes do mundo-da-vida”). Uma característica distintiva de nossa abordagem é o uso de um único existencial, ou de uma seleção de existenciais, para determinar previamente o escopo do estudo. Isso permite um estudo altamente focado em uma característica estrutural determinada da existência humana, como temporalidade, espacialidade, identidade ou afetividade. Nesse aspecto, nossa abordagem tem muito em comum com o método de estruturação (*front-loading*) conceitual usado na aplicação bem-sucedida da fenomenologia nas ciências cognitivas (Gallagher, 2003).

### 3. Pesquisa qualitativa fenomenologicamente fundamentada

O que é a fundamentação fenomenológica? A ideia geral é bastante simples: a fenomenologia filosófica fornece uma rica descrição das estruturas essenciais do ser no mundo, às quais nos referimos como “existenciais”. Estes incluem intencionalidade, ipseidade, empatia, corporeidade, temporalidade, espacialidade e afetividade, entre outros.<sup>7</sup> Os existenciais fornecem uma estrutura conceitual que os pesquisadores qualitativos podem usar para organizar e focalizar o domínio de seu estudo. Por exemplo, em vez de perguntar como a enfermidade crônica molda a experiência de uma pessoa em geral, podemos perguntar como a enfermidade crônica molda a experiência temporal, a experiência corporificada, o senso de si mesmo, e assim por diante. E, assim, cada um desses aspectos pode ser investigado mais detalhadamente. Com relação à experiência corporificada, podemos nos perguntar sobre como a enfermidade afeta os estilos habituais de movimento corporal, como altera o envolvimento corporal com o ambiente ou como modifica a experiência corporal nas interações sociais. Estudos fenomenologicamente fundamentados terão, portanto, perguntas e objetivos de pesquisa claramente delimitados para a entrevista — ao menos em comparação com a maioria das abordagens qualitativas fenomenológicas.

Nesta seção, apresentamos as bases da fundamentação fenomenológica como uma metodologia em pesquisa qualitativa. Em primeiro lugar, iluminamos a distinção entre existenciais e modos, algo essencial para distinguir entre estudos ontológicos e ônticos na fenomenologia. Em segundo lugar, explicamos como desenhar um estudo fenomenologicamente fundamentado, traçando analogias com a forma como a fenomenologia foi integrada com sucesso à pesquisa em ciências cognitivas. Neste artigo introdutório, não discutimos métodos de entrevista ou análise de dados em detalhes.<sup>8</sup> Voltaremos a essas etapas da PQFF em trabalhos futuros.

---

<sup>7</sup>Até onde sabemos, não se tentou designar uma lista exaustiva de existenciais, ou mesmo fornecer critérios necessários e suficientes para determinar o que se pode considerar como um existencial. No entanto, há um consenso geral entre os fenomenólogos sobre quais são essas estruturas-chave, embora se possam ter maneiras diferentes de descrevê-las e distingui-las.

<sup>8</sup> Para recomendações sobre abordagens informadas filosoficamente para entrevistas fenomenológicas, consultar Høffding e Martiny (2016), e Gallagher e Francesconi (2012).

### 3.1 *Existenciais e modos*

Usamos o termo “existenciais” como sinônimo daquilo que os fenomenólogos chamam de estruturas “invariantes”, “existenciais” ou “ontológicas”. Os existenciais são os elementos constitutivos da existência humana, ou do ser no mundo. Além disso, seguimos Heidegger ao reconhecer que o ser no mundo é um fenômeno unificado: “O ser-no-mundo é uma estrutura originária e um *todo* constante” (Heidegger [1927] 2012, p. 507). Isso significa que esses elementos constitutivos não são independentes entre si. Entretanto, mesmo Heidegger precisou investigar o ser no mundo através de seus “itens constitutivos”, isto é, através de seus existenciais. Analisar a estrutura da existência humana dessa maneira é um ponto de partida necessário, mesmo que o objetivo seja oferecer uma visão unificada. De modo semelhante, quando realizamos estudos qualitativos sobre formas particulares de ser no mundo, parece ser recomendável partir de existenciais específicos, ainda que o objetivo final seja oferecer uma descrição desse modo de ser em sua totalidade.

Contudo, os pesquisadores qualitativos não estão interessados nos existenciais por si mesmos. Eles não se detêm sobre a articulação filosófica das características estruturais invariantes da existência humana, como a temporalidade, a ipseidade etc. Se a análise dos existenciais é, em sua maior parte, um projeto filosófico, por que então os pesquisadores qualitativos deveriam se interessar por eles? Em nossa abordagem, um estudo qualitativo fenomenologicamente fundamentado investiga aquilo que chamamos de “modo” de um existencial. Trata-se de um modo de ser que é, em certa medida, particular. Modos podem incluir, assim, um modo de ser considerado caracteristicamente como masculino ou feminino, um modo de ser culturalmente específico, um modo de ser que emerge da vivência de determinado tipo de evento biográfico, entre outros. Pode também referir-se ao modo de ser de um indivíduo. No entanto, na maioria dos casos, o pesquisador estará interessado no modo de ser de uma determinada classe de sujeitos — por exemplo, pessoas diagnosticadas com transtorno de personalidade borderline (Køster 2017a), pessoas refugiadas na Europa Ocidental, ou pessoas que vivem com algum tipo de deficiência. Quando articulamos o que há de distintivo nesses modos de ser, não estamos descrevendo os existenciais nem as estruturas invariantes da existência humana. Utilizamos, sim, os existenciais como guia ou

moldura (*framework*) para um estudo empírico sobre os modos de ser particulares

Como devemos compreender a relação entre existenciais e modos, afinal? Podemos pensar em cada existencial como uma categoria, e nos modos como os fenômenos pertencem a essa categoria (Fernandez 2017; Fernandez e Køster 2019). Podemos ilustrar essa distinção com um exemplo tomado de Heidegger. Podemos, por exemplo, articular a estrutura geral da disposição afetiva (*Befindlichkeit*). Como argumenta Heidegger, nós sempre nos encontramos sintonizados com o mundo por meio de um estado afetivo; nossos estados afetivos desvelam o mundo (e a nós mesmos), e asseguram que as coisas nos importem. Ao articular a estrutura e a função da disposição afetiva, Heidegger não descreve nenhum humor em particular. Ele descreve, sim, a estrutura da disposição afetiva em geral — o existencial em si.

Mas Heidegger também descreve modos de disposição afetiva, isto é, estados afetivos particulares. Entre eles, por exemplo, a angústia, a alegria e o tédio. Quando descreve esses estados, sua investigação fenomenológica assume um novo tipo fundamental de objeto. Ele já não está mais engajado em uma ontologia fundamental — isto é, em uma análise da estrutura geral do ser no mundo. Nesse caso, ele está envolvido em um estudo dos modos ou formas particulares de ser no mundo, os quais ele denomina estudos “ônticos” (Heidegger [1927] 2012, p. 172). Nesse caso, Heidegger descreve modos particulares de disposição afetiva. O importante aqui é distinguir entre (a) a investigação (ontológica) dos estados afetivos em si; e (b) a investigação (ôntica) de estados afetivos particulares. Podemos traçar a mesma distinção para todos os existenciais. Por exemplo, podemos descrever a estrutura geral da temporalidade, mas também podemos descrever os modos temporais particulares de “passar o tempo” ou de “antecipação ansiosa”. Da mesma forma, podemos descrever a estrutura geral da imagem corporal, mas também podemos descrever a imagem corporal de uma pessoa ou de uma classe específica de pessoas. Esses são dois tipos de projeto fundamentalmente diferentes. O primeiro é ontológico; o segundo é ôntico (ver, por exemplo, Heidegger [1987] 2001, p. 207). E, para nossos propósitos, o primeiro fornece o arcabouço para o segundo.<sup>9</sup> Na seção

---

<sup>9</sup> Reconhecemos que há interpretações divergentes sobre o que Heidegger entende por “ontologia fundamental”, e sobre qual é a relação entre as investigações ontológicas e ônticas em sua obra. Para oferecer uma abordagem clara e viável da fenomenologia aplicada, deixamos de lado alguns desses debates interpretativos e nos apoiamos em uma compreensão útil para pesquisadores qualitativos. Entretanto, acreditamos que nossa distinção entre o ontológico e o ôntico é amplamente consistente

3, apresentamos um exemplo detalhado de como essa abordagem foi utilizada em um estudo qualitativo. No entanto, antes de chegarmos a essa etapa, é necessário explicar como os existenciais podem embasar a pesquisa qualitativa.

### 3.2 Preparando um estudo fenomenologicamente fundamentado

Não basta afirmar que os filósofos fenomenólogos estudam os existenciais e que os pesquisadores qualitativos fenomenológicos estudam os modos desses existenciais. É necessário descrever como, exatamente, os existenciais alicerçam o desenho de um estudo qualitativo. Para esclarecer essa etapa da fundamentação fenomenológica, traçamos paralelos entre duas abordagens de integração entre a fenomenologia e as ciências cognitivas. A primeira é a fenomenologia “retrospectiva”; a segunda, a fenomenologia “antecipatória” (*front-loaded phenomenology*) (Gallagher 2003; Gallagher e Zahavi 2012).

A fenomenologia retrospectiva é caracterizada pela interpretação, ou reinterpretação, de dados ou análises de dados empíricos pré-existentes. Glenn Braddock (2001) defende esse uso da fenomenologia. No entanto, a abordagem em si não é nova. Um dos melhores exemplos é a reinterpretação feita por Merleau-Ponty do caso de Schneider, um veterano da Primeira Guerra Mundial cuja percepção e motricidade foram profundamente alteradas após uma lesão cerebral. O caso Schneider foi originalmente estudado pelo psicólogo Adhemar Gelb e pelo neurologista Kurt Goldstein. Juntos, Gelb e Goldstein coletaram relatos observacionais sobre o comportamento de Schneider, bem como relatos em primeira pessoa fornecidos pelo próprio Schneider. Em seguida, analisaram e interpretaram esses dados, apresentando uma descrição de como o mundo vivido de Schneider havia sido modificado. Merleau-Ponty reinterpretou criticamente os dados e as análises de Gelb e Goldstein, oferecendo uma compreensão fenomenológica alternativa para a condição de Schneider. Ele argumentou que Schneider havia perdido o que chama de “função projetiva”. A vida consciente, segundo Merleau-Ponty, “é sustentada por um ‘arco intencional’ que projeta em torno de nós nosso

---

com a caracterização feita por Heidegger nos *Seminários de Zollikon*, onde explica a um grupo de psiquiatras que os estudos sobre doenças mentais são de caráter ôntico, enquanto seus próprios estudos sobre o ser-no-mundo são de caráter ontológico (Fernandez 2018; Heidegger [1987] 2001, p. 207). Há também um sentido em que as investigações sobre fenômenos particulares (por exemplo, estados afetivos específicos) oferecem recursos para articular as características gerais que valem para toda essa classe de fenômenos (por exemplo, os estados afetivos em si). No entanto, por uma questão de simplificação, não abordaremos esse aspecto da pesquisa fenomenológica aqui.

passado, nosso futuro, nosso meio humano, nossa situação ideológica, nossa situação moral” ([1945]1999, p.190). Merleau-Ponty afirma que Schneider, tendo perdido essa função, teria ficado preso à sua situação presente — e, portanto, incapaz de imaginar outras possibilidades para si mesmo, de especular sobre o futuro, e assim sucessivamente. Nesse contexto, o uso da fenomenologia por Merleau-Ponty é retrospectivo: ele utiliza uma compreensão fenomenológica da experiência para avaliar criticamente análises científicas anteriores e oferecer interpretações alternativas sobre como a experiência foi alterada ou distorcida. Gallagher reconhece que essa abordagem pode fomentar interpretações contraditórias de um mesmo caso. No entanto, é importante salientar que tais interpretações não são conclusivas. Como Gallagher afirma, “a explicação de Merleau-Ponty para o caso permanece simplesmente uma entre várias possíveis explicações teóricas” (Gallagher 2003, p. 89). Esse tipo de interpretação retrospectiva, quando empregado no contexto da ciência cognitiva experimental, tem o papel de gerar hipóteses a serem testadas. Ela não nos oferece conclusões definitivas. Se uma interpretação de caso é precisa, ela deveria, ao menos em princípio, passar no teste da verificação experimental.

Ao se utilizar uma abordagem retrospectiva no delineamento de um estudo qualitativo, o pesquisador deve consultar tanto a literatura científica relevante (por exemplo, estudos psicológicos e/ou qualitativos anteriores) quanto descrições em primeira pessoa (por exemplo, relatos autobiográficos, entrevistas, etc.). Como será ilustrado na seção 3, uma interpretação embasada na fenomenologia pode identificar aspectos de uma condição, ou de um modo de ser, que foram negligenciados em estudos anteriores. Ou, ainda, a orientação fenomenológica pode oferecer uma interpretação mais refinada de uma experiência já investigada. Por exemplo, um pesquisador pode revisar estudos prévios sobre a objetificação corporal em contextos de cuidado em saúde. Ao analisar criticamente os resultados desses estudos à luz de uma compreensão fenomenológica da corporeidade, ele pode distinguir conceitualmente diferentes tipos de objetificação corporal que ainda não foram nomeados nas pesquisas existentes. Esse processo fornece a base para o desenvolvimento de um novo estudo que se concentre em modos específicos de objetificação corporal, e que ofereça uma compreensão mais refinada e aprofundada desses tipos de experiências.

Depois de identificar o aspecto específico do ser no mundo que o pesquisador

deseja investigar, deve-se passar ao processo de *front-loading*<sup>10</sup>. Aqui, novamente, é útil revisar como essa abordagem foi aplicada com sucesso nas ciências cognitivas. Segundo Gallagher, a abordagem retrospectiva pode produzir interpretações alternativas que geram novas hipóteses para pesquisa empírica (no caso, experimental). Já o processo *front-loading*, ao contrário, é utilizado para o desenho dos estudos que irão testar as hipóteses. O cientista cognitivo pode recorrer, assim, a conceitos e distinções conceituais fenomenológicas para estruturar seu estudo empírico. O *front-loading* de novos conceitos no desenho do estudo conduz, portanto, à elaboração de novos dados (Gallagher 2003; Gallagher e Zahavi 2012, pp. 44–45).

A fim de melhor compreender essa abordagem, consideremos um dos exemplos de Gallagher: na maior parte das experiências corporais, o senso de agência corporal e o senso de posse corporal são quase indistinguíveis. Quando caminho pela rua, bebo uma xícara de café ou pego um livro na estante, tenho o senso tácito de que sou tanto o agente desse movimento corporal quanto o proprietário do corpo que se move. No entanto, se alguém me empurra, não experiencio qualquer tipo de agência sobre esse movimento — no caso, percebo a outra pessoa como o agente. Ainda assim, experimento o movimento como algo que acontece a mim — sinto *meu* corpo sendo empurrado. Há, assim, uma experiência de posse sem uma experiência de agência. Como enfatiza Gallagher, não se trata simplesmente de uma atribuição de ordem superior de agência ou posse - a distinção se dá no nível da consciência fenomenal de primeira ordem. Nos termos do autor: “Essas experiências fazem parte de uma autoconsciência (self-awareness) pré-reflexiva (não conceitual) implícita à experiência da ação” (Gallagher 2003, p. 92). Unidos dessa distinção conceitual, os cientistas cognitivos podem desenhar estudos experimentais que investiguem, por exemplo, os processos neurológicos que sustentam ou se correlacionam com essas experiências distintas. Sem tal distinção — e, portanto, sem a capacidade de identificar com precisão os fenômenos em questão — seria impossível desenvolver um estudo empírico que investigasse os diferentes mecanismos subjacentes à agência corporal em contraste com a posse corporal.

---

<sup>10</sup> [N. do T.: optou-se por preservar a expressão original em inglês, que pode ser entendida como “pré-carregamento conceitual”].

Afinal, como uma abordagem *front-loaded* poderia ser utilizada na pesquisa qualitativa? Deve-se considerar que pesquisadores qualitativos não conduzem experimentos propriamente ditos e não se ocupam dos mecanismos neurobiológicos. Entretanto, os princípios gerais do *front-loading* ainda se aplicam à pesquisa qualitativa. Para colocar os conceitos fenomenológicos em prática, pesquisadores qualitativos podem se valer das conclusões de suas próprias interpretações retrospectivas de dados e análises anteriores, a fim de formular novas perguntas a serem respondidas, bem como protocolos de entrevista. Podem também podem se valer de reinterpretações críticas, oferecidas por fenomenólogos com formação filosófica, como ponto de partida para suas investigações empíricas. Tal como Heidegger investigou modos específicos de disposição afetiva, muitos fenomenólogos com formação filosófica se dedicam a investigar modos específicos de ser no mundo. De certa maneira, essas investigações filosóficas são de natureza empírica, uma vez que se baseiam e se envolvem criticamente com a pesquisa empírica. Mas elas não geram, normalmente, seus próprios dados por meio de entrevistas ou análises. Por exemplo, uma das aplicações mais famosas da fenomenologia filosófica é o estudo de Iris Marion Young sobre os movimentos corporais femininos (Young 1980). Nesse estudo, Young utiliza a abordagem geral de Merleau-Ponty sobre a corporeidade como base para descrever os modos caracteristicamente femininos de comportamento corporal. Um pesquisador qualitativo interessado nas experiências corporificadas das mulheres pode, por exemplo, utilizar o estudo filosófico de Young como ponto de partida para seu próprio estudo qualitativo, elaborando perguntas de entrevista que ampliem o grau de detalhamento de algumas das experiências que Young descreveu de forma bastante ampla. Além disso, esse tipo de estudo empírico também tem o potencial de revisitar ou corrigir as descrições de Young, caso seus achados se contraponham às descrições de Young.

O estudo de Young é apenas um exemplo de um tipo de análise fenomenológica retrospectiva que pode fornecer fundamentos conceituais e pistas que orientem pesquisadores qualitativos. Muitos fenomenólogos com formação filosófica fornecem relatos sobre, por exemplo, a experiência das mulheres, a experiência afro-americana, a experiência de doenças crônicas, a experiência de viver com diversos transtornos mentais, e assim por diante. Normalmente, esses relatos fenomenológicos se baseiam e se envolvem criticamente com pesquisas

empíricas. Contudo, eles não geram seus próprios dados<sup>11</sup>. Há, portanto, uma questão em aberto sobre até que ponto suas interpretações se aplicam, se elas se aplicam igualmente a outras populações etc. Esses tipos de estudos filosóficos, portanto, fornecem excelentes pontos de partida para pesquisadores qualitativos desenvolverem seus próprios estudos empíricos, que podem complementar ou até mesmo corrigir abordagens filosóficas já consolidadas.

#### **4. Desenhando um estudo fenomenologicamente fundamentado sobre alterações modais**

Até este ponto, nossa discussão tem sido relativamente abstrata. Nesta seção, apresentamos um exemplo concreto de um estudo de Pesquisa Qualitativa Fenomenologicamente Fundamentada (PQFF) conduzido por um dos autores deste artigo, dando ênfase ao desenho do estudo. Este exemplo ilustra como os existenciais podem fundamentar o domínio da pesquisa e orientar o pesquisador em direção aos modos específicos que correspondem ao foco de interesse. O estudo envolveu densas entrevistas fenomenológicas com 20 pessoas que haviam vivenciado o luto pela perda precoce de um dos pais (entre os 5 e 18 anos de idade). O objetivo geral era investigar como esse tipo de evento, ocorrido na infância, poderia impactar o modo geral de ser no mundo do indivíduo. Para alcançar essa análise, o estudo foi fundamentado fenomenologicamente usando os existenciais como lentes para estruturar e orientar as entrevistas. Como o objetivo era identificar alterações no modo global de ser no mundo, o foco da entrevista era *ex post facto* (isto é, voltado retrospectivamente a compreender as maneiras pelas quais a perda moldou as experiências do entrevistado ao longo da vida). Os participantes tinham entre 20 e 50 anos, e foram entrevistados por um total de 6 a 8 horas - distribuídas em 3 a 4 encontros.

Como já discutido acima em detalhe, o tipo de estudo que propomos requer ampla familiaridade e compreensão dos existenciais relevantes. Essa familiaridade permite ao pesquisador estruturar e concentrar sua atenção nos tipos ou conteúdos específicos de experiências que são relevantes para o estudo. A entrevista é

---

<sup>11</sup> Há algumas exceções, entretanto. Ver, por exemplo, os estudos qualitativos com embasamento fenomenológico de Jenny Slatman sobre a experiência de mulheres após uma mastectomia (Slatman et al., 2016).

conduzida como uma atitude exploratória e inerentemente hermenêutica. Essa atitude, contudo, difere significativamente do que se poderia esperar de outros estudos qualitativos, tais como as entrevistas semiestruturadas da IPA, nas quais a exploração é guiada principalmente por temas selecionados (Smith et al., 2009); ou a atitude completamente aberta de uma abordagem indutiva, como a teoria fundamentada [*grounded theory*] (Charmaz 2014), na qual a teoria se depreende com base apenas na coleta e análise metodológica de dados. Em vez disso, em uma abordagem fenomenologicamente fundamentada, a entrevista é guiada pela sensibilidade fenomenológica que, até certo ponto, privilegia o amplo conhecimento do pesquisador sobre os existenciais. É importante enfatizar que o processo de fundamentação se baseia exclusivamente na estrutura e na dinâmica dos existenciais. Estes fornecem a estrutura conceitual para o estudo, permitindo ao pesquisador se concentrar nas alterações modais específicas, que devem ser investigadas empiricamente; nossa compreensão do modo particular — em contraste com nossa compreensão dos existenciais — emerge da entrevista e da subsequente análise de dados. Portanto, ao utilizar os existenciais como estrutura conceitual, o pesquisador não impõe certo conteúdo experiencial ao entrevistado. Em vez disso, o existencial fornece uma lente que permite ao pesquisador focalizar e explorar o conteúdo específico que lhe interessa compreender e descrever com o entrevistado.

A fundamentação do desenho do estudo sobre o luto ocorreu em duas etapas, que são paralelas à nossa discussão anterior sobre fenomenologia retrospectiva e *front-loaded*: (1) a seleção de existenciais relevantes, e (2) a articulação de uma questão guia que abarca uma investigação dos modos desse existencial.

#### **4.1 Selecionando o existencial e desenhando uma questão de pesquisa**

Ao desenhar um estudo qualitativo fenomenologicamente fundamentado, o pesquisador não deve simplesmente selecionar um existencial aleatoriamente. Em quais existenciais o pesquisador deve se concentrar — e como ele irá justificar esse foco — dependerá tanto do fenômeno em investigação quanto do estado atual da pesquisa sobre o tema. No estudo sobre o luto parental, os existenciais que orientaram as investigações foram selecionados com base em dois conjuntos abrangentes de literatura sobre experiências de luto e perda: (1) estudos psicológicos e (2) descrições de memórias em primeira pessoa e poesia que expressam experiências pessoais de perda. O envolvimento crítico com esses dois

conjuntos de literatura constituiu a fase retrospectiva do estudo (análoga ao uso retrospectivo da fenomenologia na pesquisa em ciência cognitiva discutida acima). A seguir, ilustramos como esses dois conjuntos de literatura foram usados para: (a) selecionar um existencial relevante para o estudo, e (b) elaborar uma questão de pesquisa dentro do domínio desse existencial. Note-se que este relato deve ser considerado ilustrativo, não prescritivo. O estudo investigou alterações modais em um total de cinco existenciais, cada um dos quais contendo questões de pesquisa e protocolos de entrevista separados, com diferentes processos de desenhos em cada um deles. De fato, a relevância de um aspecto existencial - a saber, a *memória corporal* - foi desvelada a partir do próprio processo de entrevista; não haviam precedentes, na literatura levantada, sobre a importância deste aspecto do luto (Køster 2020b). Nesse caso, a fase de concepção estava conectada à hermenêutica do processo de entrevista.

Em primeiro lugar, ao analisar a literatura psicológica (e filosófica) existente sobre o luto, ficou claro que o luto é entendido como um fenômeno afetivo ambíguo e complexo (O'Connor et al. 2008; Parkes e Prigerson 2013; Boerner et al., 2013). De acordo com relatos psicológicos padronizados, a emotividade do luto tem um caráter *ondulatório* — o que, desde os escritos de Lindemann (1944), tem sido referido como “dores do luto”<sup>12</sup>. A dimensão afetiva do luto é, portanto, predominantemente entendida como o que os fenomenólogos chamam de “emoção”, ou seja, um estado afetivo de curta duração que é direcionado para algo interior ao mundo — neste caso, a pessoa amada que se foi.

Uma vez que esse fenômeno — a saber, a dimensão afetiva do luto — tenha sido compreendido na literatura científica atual, memórias e outras obras literárias em primeira pessoa sobre o luto foram consultadas para verificar se tais descrições enriquecem ou até mesmo contradizem as explicações científicas. A esse respeito, o *Diário de luto* (2010), de Roland Barthes, forneceu uma perspectiva especialmente esclarecedora. Na obra, o autor sublinha que há um componente afetivo abrangente, integral à sua experiência de luto, que se distingue do que ele chama de

---

<sup>12</sup> “Ao diferenciar luto de um episódio depressivo maior (EDM), é útil considerar que, no luto, o afeto predominante inclui sentimentos de vazio e perda, enquanto no EDM há humor deprimido persistente e incapacidade de antecipar felicidade ou prazer. A disforia no luto pode diminuir de intensidade ao longo de dias a semanas, ocorrendo em ondas, conhecidas como “dores do luto”. Essas ondas tendem a estar associadas a pensamentos ou lembranças do falecido. O humor deprimido de um EDM é mais persistente e não está ligado a pensamentos ou preocupações específicos.” (American Psychiatric Association 2014, p.126)

“emotividade” do luto: “A emoção (emotividade) passa, o sofrimento permanece” (Barthes 2010, p. 103). Portanto, de acordo com Barthes, há uma dimensão afetiva que precede e excede o nível emocional. Barthes se refere consistentemente a isso como “sofrimento”, e insiste que se trata de uma constante afetiva, uma espécie de tonalidade afetiva alterada que governa o modo de ser no mundo do indivíduo, da mesma forma que o ser no mundo é modificado quando se está apaixonado (Barthes 2010, p. 126). No entanto, Barthes não descreve esse estado afetivo em detalhes. Ele o designa como um domínio experiencial significativo, classificando-o como “sofrimento”, mas não fornece nenhuma descrição sistemática. Mas isso não deve nos surpreender, afinal, não era essa a intenção de Barthes com sua obra. Os diários de Barthes apontam para um fenômeno afetivo que não foi adequadamente investigado na literatura psicológica e, portanto, indica a necessidade de uma investigação sistemática. Seus relatos em primeira pessoa sugerem uma alteração afetiva mais profunda — que não vem em ondas, mas que é, sim, um modo difuso e pervasivo de sintonizar-se afetivamente com o mundo. Isso nos sugere a necessidade de uma alteração naquilo que os fenomenólogos tradicionalmente chamam de tonalidades afetivas fundamentais (Heidegger [1927] 2012; 2001), e que mais recentemente tem sido referido, de forma ligeiramente modificada, como sentimentos existenciais (Ratcliffe 2008). Para evitar certa confusão terminológica, nos referiremos a eles a partir de agora como sentimentos existenciais. Essa noção não faz parte de uma taxonomia padrão da psicologia empírica, na qual tanto emoções quanto humores são definidos como estados temporalmente delimitados (Coleman 2008). No entanto, como Peter Goldie (2002) apontou, essa definição caracteriza a afetividade como puramente contingente à experiência — um elemento *adicional* que colore e perturba as experiências temporariamente, sugerindo, assim, que tipicamente a mente seria livre de afeto.

Ao contrário disso, os fenomenólogos argumentam que não só a existência é sempre sentida de uma determinada maneira, mas que os sentimentos existenciais são responsáveis por estruturar a forma como nos encontramos no mundo. Assim, enquanto as emoções expressam uma atitude avaliativa de curto prazo em relação a objetos específicos, os sentimentos existenciais são estados afetivos não intencionais ou pré-intencionais que determinam o nosso modo de ser no mundo. Os sentimentos existenciais moldam nosso senso de realidade e ao mesmo tempo podem abrir ou restringir nossa gama de estados intencionais, incluindo emoções e

desejos. No entanto, embora os fenomenólogos tenham articulado claramente o que são sentimentos existenciais, e até mesmo fornecido análises de sentimentos específicos (por exemplo, angústia existencial, tédio profundo, culpa profunda), não houve uma investigação sistemática sobre se as experiências de luto produzem alterações nos sentimentos existenciais<sup>13</sup>.

É importante lembrar que nesse estágio, que analisa criticamente tanto a literatura científica quanto a não científica, corresponde apenas à etapa retrospectiva da análise. Há que se considerar que aquilo que se pode aprender com a literatura existente é, por definição, limitado. O material escrito acaba por se restringir ao testemunho fixo de uma experiência, que, como tal, apenas se poderia compreender de forma limitada se não se avançar para além do texto. Eventualmente, esgota-se o material proveniente de um relato em primeira pessoa, e serão necessários novos dados para se obter uma compreensão mais rica do fenômeno pesquisado. A fase retrospectiva em questão suscita, portanto, novas questões de pesquisa, embasadas pela literatura existente. Mas, para responder a essas questões, precisamos recorrer ao chamado processo de *front-loading*, na qual conceitos fenomenológicos são incorporados ao desenho de um estudo empírico qualitativo.

O envolvimento retrospectivo com a literatura existente nos encaminhou às seguintes questões guia de pesquisa: *Experiências profundas de luto se manifestam em alterações no nível dos sentimentos existenciais? Em caso afirmativo, como essas mudanças devem ser caracterizadas do ponto de vista fenomenológico?* É importante ressaltar que a elaboração do foco de pesquisa se deu por meio de fundamentação fenomenológica. Tem-se, assim, que uma consciência hermenêutica explícita e ativa, além da sensibilidade à análise fenomenológica e à extensão dos conceitos, formaram o foco da pesquisa.

#### **4.2 O guia de entrevista e a sensibilidade fenomenológica na hermenêutica da entrevista**

A questão de pesquisa mencionada acima alicerçou um dos guias de entrevista do projeto, especificamente focado em revelar possíveis modificações no

---

<sup>13</sup> Isso não significa que o luto não tenha sido tema para a filosofia. Nos últimos anos, tem havido um interesse filosófico crescente pelo luto a partir de uma perspectiva fenomenológica (ver, por exemplo, Fuchs 2018; Køster 2019, 2020a, 2021; Ratcliffe 2017, 2020).

nível dos sentimentos existenciais. Neste ponto, é importante observar que o tipo de entrevista que propomos não consiste de um conjunto predefinido de perguntas que o entrevistado deve, necessariamente, cumprir em sequência. Na direção oposta, o guia de entrevista funciona como um possível roteiro hermenêutico para a condução da conversa. Ele orienta a entrevista através de alguns pontos focais previamente definidos, que garantem que a questão de pesquisa seja explorada de maneira aprofundada. Tais pontos focais incluíam a exploração de uma série de categorias sobrepostas capazes de enfatizar o modo como os sentimentos existenciais constituem o tecido conectivo entre o *self* e o mundo, como, por exemplo, a particularidade do senso de estar vivo, o sentimento de relação com o mundo, o senso corporificado de presença no mundo etc. Assim, nota-se que o guia de entrevista contém uma carga teórica e um foco específico mais vastos do que se poderia esperar de uma abordagem padrão de entrevistas semiestruturadas e guiadas tematicamente (Brinkmann e Kvale 2015). Além disso, a natureza sobreposta das categorias foi intencional e se baseou na compreensão de que abordar esse tipo de fenômeno é, de fato, uma atividade pouco familiar para não fenomenólogos. Por essa razão, é produtivo reiterar as mesmas questões através de uma variedade de formulações e ângulos distintos.

Embora a estrutura do guia de entrevista já fosse fenomenologicamente fundamentada, espera-se, aqui, maior abrangência na atitude inquisitiva e hermenêutica do entrevistador. Ao longo da entrevista, o pesquisador deve se valer de sua compreensão dos existenciais para calibrar sua atenção para o fenômeno investigado. No caso, o pesquisador deve assumir uma atitude exploratória, prestando atenção a quaisquer dicas ou pistas que o entrevistado possa oferecer, fazendo perguntas complementares que o incentivem a descrever determinado aspecto de sua experiência em maior detalhe. Certas expressões e declarações do entrevistado devem ser sistematicamente apontadas, a fim de se tornarem objeto de investigações pormenorizadas. Por exemplo, se um entrevistado fosse convidado a descrever como se sentiu no período após o luto, ele poderia se referir a uma série de estados afetivos, como emoções tais como saudade e raiva, bem como um sentimento geral de distanciamento do seu entorno. Nesse caso, o entrevistador deve sinalizar o sentimento de distanciamento como particularmente relevante, uma vez que aponta para o que um fenomenólogo reconheceria como um sentimento existencial, e se dedicar a refinar sistematicamente esse sentimento por meio de

uma série de perguntas complementares, tais como: “como é a sensação de estar distanciado?”; “como se percebe o distanciamento?”; “como o distanciamento se manifesta?”; “distanciamento de quê?”; “a distância é semelhante ou está conectada a outros sentimentos?” etc. Especificamente, no que diz respeito aos sentimentos existenciais, que muitas vezes são expressos em linguagem metafórica e alegórica (Ratcliffe 2008, p. 38), é proveitoso tanto recorrer a esse tipo de linguagem quanto, ao mesmo tempo, não presumir que essas metáforas possam ser compreendidas de imediato. Em vez disso, as metáforas devem ser amplamente exploradas. Muitas vezes, isso envolve o ato de permanência e foco em dado fenômeno específico por um período muito mais longo do que nos acostumamos e nos sentimos confortáveis em conversas cotidianas. Embora possa parecer habitual ao fenomenólogo treinado o ato de persistência em dado ponto durante o processo de investigação de experiências tácitas e pré-reflexivas específicas, trata-se de algo bastante inusitado para o entrevistado, podendo parecer algo tedioso e desnecessário. Portanto, recomenda-se abordar juntamente com o entrevistado esse aspecto da entrevista com a devida antecedência.

Neste ponto, o leitor pode estar se perguntando sobre a existência de algo de circular nessa abordagem, e sobre eventuais riscos inerentes ao método no sentido de estimular ou mesmo criar a ocorrência dos fenômenos que investiga. Será que a ênfase no elemento de *front-loading* não compromete a atitude exploratória aberta que distingue os estudos qualitativos das abordagens quantitativas em psicologia? Essas são preocupações válidas. No entanto, em resposta a tais preocupações, enfatizamos dois pontos-chave:

1. Como o foco da PQFF consiste em explorar modos de ser no mundo alterados através de alterações modais nos existenciais, estamos lidando com um nível de experiência que é inerentemente difícil de acessar, e que não se revela com frequência na reflexão cotidiana. Isso significa que o tipo de descrição que buscamos não aparecerá nas narrativas típicas e frequentemente ensaiadas que podem ser oferecidas pelos entrevistados em um estudo qualitativo. Em vez disso, o entrevistador precisa ir além (ou abaixo) dessas narrativas roteirizadas, na tentativa de evocar descrições de experiências pré-reflexivas e muitas vezes corporificadas que não foram previamente

refletidas ou narradas pelo entrevistado<sup>14</sup>. O entrevistado pode, por exemplo, ter atravessado profundas alterações nos sentimentos existenciais após o luto, sem estar reflexivamente ciente disso ou mesmo ser capaz de identificar e articular essa alteração. Como investigamos experiências que raramente se apresentam na narrativa do entrevistado, a PQFF se baseia no *front-loading* para que se possa privilegiar o conhecimento que o pesquisador possui dos existenciais.

2. O *front-loading* da entrevista não predetermina o conteúdo das descrições dos entrevistados. Há uma diferença significativa entre predefinir o foco de uma investigação e predefinir o que se seguirá deste foco. Ou seja, um foco predefinido em sentimentos existenciais não determina o tipo de alteração que pode surgir daí. Na verdade, pode-se até conceber que não haja nenhuma alteração a ser encontrada. Como resultado, o foco pré-estruturado desenvolvido na fase retrospectiva está sujeito a um certo grau de falsificação. Obviamente, isso não deve ser interpretado no sentido estrito de teste de hipóteses; em vez disso, as suposições que orientam a investigação são sensíveis ao conteúdo experiencial concreto descrito nas entrevistas.

### 4.3 Exemplos de descrições geradas

Para ilustrar os tipos de descrições que esse tipo de entrevista pode produzir, vejamos alguns exemplos. Primeiramente, deve-se observar que as entrevistas confirmaram a suposição prévia de que o luto se manifestava em alterações nos sentimentos existenciais. Todos os participantes, exceto um<sup>15</sup>, expressaram mudanças profundas nos sentimentos existenciais nos anos imediatamente após a perda. A maioria deles, com diferenças significativas em intensidade e frequência, considerou essas mudanças como uma disposição duradoura, como algo que caracteriza seu modo particular de ser no mundo.

O tipo de alteração modal relatado foi semelhante entre todos os

---

<sup>14</sup> Para uma análise detalhada deste processo, ver (Køster 2017b).

<sup>15</sup> Não é uma meta específica da PQFF que todas as descrições dos entrevistados convirjam ou se sobreponham. Contrastes nas experiências podem prover ricas fontes para elaboração fenomenológica. Ver (Køster 2020b, 2021) para um exemplo de como isso pode se dar.

participantes, e houve uma semelhança impressionante na escolha das metáforas usadas para expressar essa alteração. De forma resumida, a alteração pode ser caracterizada como *distanciamento de mundo* (*world-distancing*). Sinteticamente, o *distanciamento de mundo* refere-se a um sentimento contínuo ou recorrente de estar desconectado do mundo. O mundo parece separado, semelhante a assistir a um evento à distância — não estando dentro da multidão agitada, mas observando a multidão enquanto se sente distintamente separado dela, empurrado para dentro de si e para fora do fluxo do mundo. Esse estado afetivo é um sentimento existencial profundo que tem implicações tanto na dimensão experiencial da temporalidade quanto na sociabilidade. Os exemplos a seguir, não exaustivos, ilustram alguns aspectos dessa alteração. Deve-se observar também que essas descrições bastante claras, fornecidas pelos entrevistados, são o resultado de um processo colaborativo longo e trabalhoso de transformar experiências em palavras, o que exigiu repetição, persistência e refinamento das expressões. Vale dizer que relatos aqui apresentados são compostos exclusivamente pelos termos utilizados pelos entrevistados.

Vamos começar com a descrição de um homem de 49 anos, que perdeu sua mãe aos 12 anos, de forma repentina. Ele descreve a emergência de uma sintonia afetiva de distanciamento de mundo da seguinte maneira:

Para mim, esse sentimento de distanciamento é semelhante a observar um trem passando. É a minha vida, e estou na plataforma vendo o trem passar. Sabe, a melhor metáfora talvez seja estar em uma festa e, por alguns segundos, sair para o jardim e observar a festa de longe. Você sabe que há muitas pessoas, e eu tenho uma relação com todas elas. Todos estão se divertindo, mas eu saí. Eu observo tudo. E talvez seja realmente essa postura de observação de fora que melhor descreva a mudança de sentimento. É como se estivesse em uma bolha. É uma sensação diferente, de estar envolto por uma névoa, é como se as coisas estivessem um pouco fora de foco porque eu as experimento de longe. Quando penso nesse estado, tudo o que consigo pensar é em calma. Não há ruídos. Talvez eu possa descrevê-lo dizendo que não há som. E esse tipo de deslocamento não foi apenas um sentimento inicial. É um sentimento recorrente, que se tornou uma propriedade da minha maneira de ser... Nesse sentido, o mundo se tornou muito mais bidimensional. Não tem profundidade. O mundo não é mais tão detalhado, eu acho. Não há tantas camadas, acho, ou é isso que me resta quando digo que é suave e calmo. Sabe, quando você observa à distância, não consegue alcançar todos os detalhes, alguns dos sentidos não existem, como, por exemplo, o olfato, porque você está observando as coisas de longe.

Para quem está familiarizado com a noção de *Befindlichkeit* de Heidegger, ou com a expansão desse conceito para a noção de sentimentos existenciais feita por Ratcliffe, deve ficar claro que essa descrição retrata uma alteração modal evidente nesse nível de experiência. Ou seja, o próprio modo de ser no mundo é alterado. É um sentimento de “estar em uma bolha”, de “estar envolto por uma névoa”, um sentimento que altera a maneira como o mundo se manifesta no sentido de que ele

agora é “mais bidimensional”, sem cor e sem qualidades sensoriais, em parte, porque é observado de longe.

Os contornos dessa descrição são ecoados por uma mulher de 33 anos, que perdeu o pai aos 16 anos. No entanto, ela acrescenta uma clara dimensão temporal a essa mudança modal na tonalidade afetiva, o que ilustra a constituição inerentemente inter-relacionada dos existenciais:

Eu considero esse sentimento de distanciamento quase como um sentimento metafísico. Estou no meu corpo, mas o mundo está nebuloso. Estou confinada à minha própria concha, e o tempo parou; todos os outros continuam suas vidas, mas eu estou presa na quietude. É uma espécie de vácuo, onde o tempo parece abstrato. É um sentimento de estar fundamentalmente sozinha no mundo... Talvez também se possa dizer que me sinto continuamente presa atrás de uma placa de vidro, observando o mundo e as outras pessoas através dessa tela.

Novamente, ela se refere ao senso de distanciamento como um sentimento, nesse caso um “sentimento metafísico”, que descreve um modo particular de se encontrar no mundo. Como enfatizado, no entanto, ela acrescenta uma clara dimensão temporal a essa experiência: o distanciamento é um sentimento de estar “presa na quietude” porque “o tempo parou”, separada do fluxo temporal do mundo.

Uma mulher de 28 anos, que perdeu a mãe aos 10 anos, complementa essas descrições tecendo considerações sobre as implicações sociais do distanciamento de mundo como um modo particular de tonalidade:

Acho que é um pouco como estar numa bolha; bem, é uma sensação de estar numa bolha, e, quando alguém está falando com você, tudo se transforma numa trama de palavras, um fluxo de conversa confusa, porque é difícil localizá-la, porque você está preso na sua própria bolha. Você fica pensando que é isso que está acontecendo, e isso só piora as coisas. Muitas vezes, sinto que consigo me sintonizar na conversa, mas é muito difícil permanecer presente. Ouço as palavras, mas não consigo estar totalmente presente, então acabo apenas dizendo “hmmm”, e clichês como “eu sei disso”. Às vezes, sinto vontade de balançar um pouco a cabeça, para ver se isso desaparece, mas é muito difícil. É um pouco como ter soluços e tentar pensar em outra coisa para que eles parem — e não funciona. Começo a pensar que eles percebem isso, que percebem que você não está ouvindo. É muito desagradável. Tenho essa sensação com muita frequência, quase diariamente, desde que minha mãe faleceu. Pelo menos é o que parece.

Nesta passagem, ela enfatiza como o sentimento de distância afeta a capacidade de acompanhar o ritmo e a ressonância da interação social. Ela se sente isolada da interação, como resultado do estado afetivo de distância que a precedeu. A anatomia mais ampla dessa integração afetiva alterada com o mundo é complexa, e pode-se dizer que teve um impacto profundo no bem-estar geral dos informantes. No entanto, o leitor pode se perguntar até que ponto esse estado é, de fato, específico do luto. Um tipo semelhante de distanciamento de mundo é, por vezes, relatado em conexão com estados de dissociação e, a partir de uma perspectiva

clínica inspirada na fenomenologia, Robert Stolorow associa um estado semelhante de distanciamento do mundo ao trauma de forma mais geral (embora ele use mais especificamente o luto como exemplo) (Stolorow 2011, 2019). Por fim, o distanciamento de mundo como um estado afetivo apresenta semelhanças com a descrição de Heidegger sobre a angústia. Portanto, nossa afirmação não é, obviamente, propor que o distanciamento de mundo seja exclusivo das experiências de luto. Supor que uma experiência está correlacionada a um estado afetivo específico dessa maneira uniforme seria ingênuo, e se destacaria da história natural mais ampla e da evolução do nosso repertório afetivo. No entanto, consideramos razoável esperar que haja uma certa forma na qual o distanciamento de mundo se manifesta ou se desenrola nas experiências de luto. Embora exceda em muito o escopo deste artigo justificar e expandir essa afirmação, podemos indicar que existe um sentimento particular de solidão existencial, associado aos sentimentos de distanciamento do mundo pós-luto, que difere em natureza de outros tipos de trauma (Køster 2019).

Esses são exemplos das descrições que um estudo PQFF pode gerar. Chegar a essas descrições é apenas o primeiro passo em um processo de pesquisa mais amplo. Ainda é necessário um trabalho importante para fornecer uma análise fenomenológica completa do tipo de modificação experiencial que elas constituem. No entanto, também deve ficar claro que os tipos de descrições geradas pelos pontos focais e sensibilidades da PQFF diferem das descrições que emanariam naturalmente em uma narrativa típica de luto. Em seu lugar, as descrições emergem como resultado da fundamentação fenomenológica da entrevista.

## 5. Tipo de conhecimento gerado

Como já mencionamos, há várias abordagens fenomenológicas bem estabelecidas para a pesquisa qualitativa. Até agora, focamos em como a PQFF se torna distinta ao fundamentar o processo de pesquisa em existenciais pré-selecionados. Esses existenciais oferecem a base para questões de pesquisa mais focadas e para o desenho de protocolos de entrevista que ajudem o pesquisador a investigar o nível pré-reflexivo da experiência. Também vimos o tipo de descrições perspicazes e esclarecedoras que os participantes podem fornecer quando entrevistados por meio dessa abordagem. Neste ponto, impõem-se algumas

questões: que tipo de conhecimento os estudos da PQFF geram? A PQFF é relevante para todos os tipos de agendas em pesquisa qualitativa, e pode ser integrada a todos os tipos de métodos qualitativos? Pretendemos fornecer respostas detalhadas a essas perguntas em trabalhos futuros. Mas, por enquanto, fornecemos uma abordagem inicial do escopo e das condições para aplicação da PQFF.

Note-se que não estamos sugerindo que a PQFF substitua as abordagens fenomenológicas consolidadas para a investigação qualitativa. Afinal, a orientação conceitual da PQFF pode ser integrada a uma variedade de abordagens existentes em pesquisa qualitativa, tanto fenomenológicas quanto não fenomenológicas. A nosso ver, a PQFF ostenta seus méritos no tipo específico de conhecimento que ela gera, o que, por sua vez, também restringe seu alcance de aplicação. Como já mencionado, a PQFF investiga modos alterados de ser no mundo. Também podemos nos referir a isso como o *modo* como alguém se encontra no mundo ou o *como* ser no mundo de alguém. É importante ressaltar que esses modos ou maneiras são frequentemente pré-reflexivas. Em princípio, a partir delas, é possível refletir sobre o próprio modo de ser. Porém, na vida cotidiana, a forma como nos encontramos no mundo é frequentemente tácita ou implícita. A PQFF, por seu turno, orienta o pesquisador para os aspectos pré-reflexivos e corporificados da experiência, e permite que o entrevistado articule esses aspectos da experiência sem recorrer a narrativas de experiência pré-concebidas e culturalmente padronizadas.

Esse tipo de pesquisa amplia nossa compreensão da vida experiencial pré-reflexiva, incluindo percepções sobre como ela sofre alterações ante eventos significativos da vida. Ademais, o tipo de conhecimento gerado pela PQFF também pode ser integrado a outros tipos de estudos. A prevalência de descrições do distanciamento de mundo como um aspecto da afetividade do luto está, por exemplo, sendo investigada atualmente em um estudo quantitativo abrangente<sup>16</sup>. Com base nesse tipo de material de pesquisa, talvez seja possível determinar se o distanciamento de mundo difere entre os tipos de luto, e se ele pode ser preditivo de reações complicadas de luto ou de estados de transtorno de luto prolongado.

O foco específico da PQFF também significa, no entanto, que a metodologia

---

<sup>16</sup> A prevalência do distanciamento de mundo como um aspecto das experiências de luto foi recentemente investigada como parte de um projeto de intervenção controlado e randomizado intitulado “TABstudy”, sediado na Universidade de Aarhus, na Dinamarca. Com base nas descrições geradas nas entrevistas PQFF, desenvolvemos uma escala psicométrica de medição que foi enviada a 1600 participantes entre 2016 e 2020. Os resultados estão atualmente em processo de publicação.

pode não ser a melhor escolha quando se quer compreender, por exemplo, certas práticas específicas, sejam elas culturais ou mais pessoais, como quando Ashworth (2016) investiga a prática de dar presentes ou quando van Manen (1990, p. 104–6) examina segredos da infância. Mas a PQFF ainda pode ser capaz de complementar tais estudos. Por exemplo, embora não forneça recursos para compreender a prática de contar ou ouvir segredos, a PQFF pode nos ajudar a entender como guardar um segredo modifica a orientação geral de uma pessoa em relação aos outros. A PQFF também não parece uma escolha óbvia para pesquisas etnográficas que se concentram na interação social *in situ*, na medida em que esses estudos visam compreender a lógica das ações humanas dentro de um contexto social ou ambiente confinado, ao invés dos modos de ser em que esses indivíduos se encontram. Adicionalmente, a PQFF tipicamente não investiga as opiniões, crenças ou valores dos entrevistados.

Também pode ser útil demonstrar como a PQFF difere de uma abordagem popular da fenomenologia aplicada, que, por sua vez, também se baseia amplamente em textos filosóficos: a microfenomenologia, desenvolvida por Claire Petitmengin (Petitmengin 2006; Petitmengin et al., 2019). É patente que existem diversas semelhanças entre a PQFF e a microfenomenologia, como o foco em exprimir experiências pré-reflexivas pela linguagem, e a intenção metodológica explícita de se autorizar que a entrevista seja estruturada e guiada pelo extenso “metaconhecimento” do entrevistador sobre estruturas experienciais (ver, por exemplo, Petitmengin 2006, p. 250), o que é semelhante ao que enquadrámos em termos de *front-loading*. No entanto, ao menos duas diferenças constitutivas devem ser salientadas.

Em primeiro lugar, cabe mencionar que há uma diferença manifesta no foco: os estudos da PQFF investigam orientações existenciais amplas e caracterizam alterações no modo geral de ser no mundo da pessoa, classificadas pelas lentes dos existenciais. A microfenomenologia, em contraste, estuda processos cognitivos particulares e temporalmente delimitados, como atos específicos de memorização, ou detecção de sinais para antecipar crises epiléticas (Petitmengin et al., 2006). Tais processos cognitivos podem, de acordo com a microfenomenologia, ser investigados apenas por meio de “atos singulares” (Petitmengin 2006, p. 692). O protocolo de pesquisa, para a microfenomenologia, fornece uma metodologia rica e detalhada para se investigar tais atos singulares. No entanto, não é óbvio como esse

enquadramento seria apropriado para investigações de modos mais amplos de ser no mundo. Isso não quer dizer que as duas abordagens não possam se complementar, ou que as inovações metodológicas para se investigar atos singulares não possam enriquecer, ou mesmo se aplicar a aspectos de uma PQFF. No entanto, o foco geral de uma e de outra é fundamentalmente diferente.

Em segundo lugar, a microfenomenologia visa especificamente revelar estruturas experienciais invariantes por meio de investigações empíricas que vão das experiências individuais para “categorias progressivamente abstratas” (Petitmengin et al. 2019, p. 702). A PQFF, por sua vez, segue uma direção distinta. Ela se utiliza de relatos filosóficos de estruturas invariantes, ou existenciais, para enquadrar investigações empíricas de alterações modais específicas, que muitas vezes são generalizáveis para uma população, mas que não são estruturas invariantes da existência. Pode haver potencial para que os estudos da PQFF informem nossa compreensão das estruturas invariantes, mas esse não é seu objetivo principal.

Para que tipos de investigação a PQFF seria adequada, afinal? Ora, para qualquer estudo a partir do qual se possa, razoavelmente, esperar modificações no modo de ser no mundo de uma pessoa. Como observado acima, fenomenólogos com formação filosófica frequentemente tomam os modos de ser no mundo como seu principal objeto de estudo, mesmo que não usem esse tipo de linguagem ao caracterizar sua investigação. Alguns exemplos incluem alterações nos modos de afetividade em transtornos mentais (Ratcliffe 2008; Stanghellini e Rosfort 2013); modos de corporeidade em doenças crônicas ou com risco de vida, ou mesmo após o tratamento (Aho e Aho 2009; Carel 2013; Nancy e Hanson 2002; Slatman 2016; Toombs 1995); e os modos discursivamente moldados de corporeidade e espacialidade que são característicos dos modos de ser femininos (Young 1980). Em suma, a PQFF gera conhecimento ao revelar alterações nos modos básicos que constituem a forma como uma pessoa se encontra no mundo.

## 6. Conclusão

Neste artigo, argumentamos que a pesquisa qualitativa pode se beneficiar de uma fundamentação conceitual na fenomenologia filosófica. Propusemos a PQFF como uma ferramenta para essa integração interdisciplinar. Nesta abordagem, o pesquisador qualitativo estrutura seu estudo empírico por meio dos conceitos e

análises encontrados na fenomenologia filosófica. Cada etapa de um estudo qualitativo, desde a elaboração de uma pergunta de pesquisa até a análise dos dados, deve ser orientada por conceitos e análises fenomenológicas. Esse processo de fundamentação fenomenológica direciona o pesquisador para existenciais específicos, permitindo ao pesquisador que investigue os modos desses existenciais e, por conseguinte, o modo de ser no mundo sob investigação. Além disso, isso permite que o pesquisador investigue aspectos da experiência que são tipicamente pré-reflexivos, orientando o entrevistado para aspectos de sua experiência dos quais ele pode não ter tido consciência e até mesmo nunca ter colocado em palavras antes.

Para onde devemos rumar deste ponto em diante? Como observamos acima, há consideravelmente mais a ser dito sobre as etapas posteriores da pesquisa dentro do paradigma da PQFF. Precisaremos esclarecer como os conceitos fenomenológicos devem informar o processo de entrevista, incluindo a dinâmica entre o entrevistador e o entrevistado; como esses conceitos devem ser mobilizados para analisar as transcrições das entrevistas; e, também, como as próprias entrevistas podem suscitar novas questões para estudos futuros. Este artigo, em seu escopo, se propõe a fornecer uma introdução inicial. Mas pretendemos dar continuidade à apresentação dos demais aspectos da PQFF, bem como desenvolvê-los em trabalhos futuros.

**Agradecimentos:** Agradecemos a Ola Borek, Svend Brinkmann, Shaun Gallagher, Jim Morley, Marta Santillo, Dan Zahavi e aos pesquisadores do projeto “Culture of Grief” pelos comentários úteis sobre as versões preliminares deste artigo. Este trabalho foi apoiado pelo Den Obelske familiefond (#28153) e pelo programa Global Research Network, por meio do Ministério da Educação da República da Coreia e da Fundação Nacional de Pesquisa da Coreia (NRF-2017S1A2A2039388).

## Referências

Aho, J., & Aho, K. (2009). *Body matters: A phenomenology of sickness, disease, and illness*. Lanham, MD: Lexington Books.

American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders, 5th edition: DSM-5*. Washington, D.C.: American Psychiatric Publishing. [N. do T.: Foi usada a versão brasileira para a citação encontrada na nota número 13: American Psychiatric Association. (2014). *Manual*

Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5. Porto Alegre: Artmed.]

- Ashworth, P. (2003). An approach to phenomenological psychology: The contingencies of the Lifeworld. *Journal of Phenomenological Psychology*, 34(2), 145–156.
- Ashworth, P. (2016). The Lifeworld-enriching qualitative evidence. *Qualitative Research in Psychology*, 13(1), 20–32.
- Barthes, R. (2010). *Mourning diary*. New York, NY: Hill and Wang.
- Boerner, K., Mancini, A. D., & Bonanno, G. (2013). On the nature and prevalence of uncomplicated and complicated patterns of grief. In M. Stroebe, H. Schut, & J. van den Bout (Eds.), *Complicated grief: Scientific foundations for health care professionals* (pp. 55–67). New York, NY: Routledge.
- Braddock, G. (2001). Beyond reflection in naturalized phenomenology. *Journal of Consciousness Studies*, 8(11), 3–16.
- Brinkmann, S., & Kvale, S. (2015). *Interviews: Learning the craft of qualitative research interviewing*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Carel, H. (2013). Bodily doubt. *Journal of Consciousness Studies*, 20(7–8), 178–197.
- Charmaz, K. (2014). *Constructing grounded theory* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Colaizzi, P. F. (1978). Psychological research as the phenomenologist views it. In R. S. Valle & M. King (Eds.), *Existential-phenomenological alternatives for psychology* (pp. 48–71). New York, NY: Oxford University Press.
- Coleman, A. M. (2008). *A dictionary of psychology*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Dahlberg, K., Dahlberg, H., & Nystrom, M. (2008). *Reflective lifeworld research* (2nd ed.). Lund, Sweden: Studentlitteratur.
- Dahlberg, K., Todres, L., & Galvin, K. (2009). Lifeworld-led healthcare is more than patient-led care: An existential view of well-being. *Medicine, Health Care and Philosophy*, 12(3), 265–271.
- Englander, M. (2012). The interview: Data collection in descriptive phenomenological human scientific research. *Journal of Phenomenological Psychology*, 43(1), 13–35.
- Englander, M. (2020). Phenomenological psychological interviewing. *The Humanistic Psychologist*, 48(1), 54–73. doi:10.1037/hum0000144
- Fernandez, A. V. (2017). The subject matter of phenomenological research: Existentials, modes and prejudices. *Synthese*, 194(9), 3543–3562.
- Fernandez, A. V. (2018). *Beyond the ontological difference: Heidegger, Binswanger,*

and the future of existential analysis. In K. Aho (Ed.), *Existential medicine: Essays on health and illness* (pp. 27–42). Lanham, MD: Rowman & Littlefield International.

- Fernandez, A. V., & Køster, A. (2019). On the subject matter of phenomenological psychopathology. In G. Stanghellini, M. Broome, A. V. Fernandez, P. Fusar-Poli, A. Raballo, & R. Rosfort (Eds.), *The Oxford handbook of phenomenological psychopathology* (pp. 191–204). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Fuchs, T. (2018). Presence in absence: The ambiguous phenomenology of grief. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 17(1), 43–63.
- Gallagher, S. (2003). Phenomenology and experimental design: Toward a phenomenologically enlightened experimental science. *Journal of Consciousness Studies*, 10(9–10), 85–99.
- Gallagher, S. (2012). Taking stock of phenomenology futures. *The Southern Journal of Philosophy*, 50(2), 304–318.
- Gallagher, S., & Francesconi, D. (2012). Teaching phenomenology to qualitative researchers, cognitive scientists, and phenomenologists. *Indo-Pacific Journal of Phenomenology*, 12(Suppl. 3), 1–10.
- Gallagher, S., & Zahavi, D. (2012). *The phenomenological mind* (2nd ed.). London, UK: Routledge.
- Giorgi, A. (2009). *The descriptive phenomenological method in psychology: A modified Husserlian approach*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.
- Giorgi, A. (2010). Phenomenology and the practice of science. *Existential Analysis*, 21(1), 3–22.
- Giorgi, A. (2011). IPA and science: A response to Jonathan Smith. *Journal of Phenomenological Psychology*, 42(2), 195–216.
- Goldie, P. (2002). *The emotions: A philosophical guide*. Oxford, UK: Clarendon Press.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP; Petrópolis, RJ: Unicamp; Vozes., edição bilíngue. (Publicado originalmente em 1927)
- Heidegger, M. (2001a). *The fundamental concepts of metaphysics: World, finitude, solitude* (W. McNeill & N. Walker, Trans.). Bloomington, IN: Indiana University Press.
- Heidegger, M. (2001b). *Zollikon seminars: Protocols—Conversations—Letters* (F. Mayr & R. Askay, Trans.). Evanston, IL: Northwestern University Press. (Original work published 1987)
- Høffding, S., & Martiny, K. (2016). Framing a phenomenological interview: What, why and how. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 15(4), 539–564.
- Køster, A. (2017a). Narrative and embodiment – A scalar approach. *Phenomenology*

- and the Cognitive Sciences, 16(5), 893–908.
- Køster, A. (2017b). Narrative self-appropriation: Embodiment, alienness, and personal responsibility in the context of borderline personality disorder. *Theoretical Medicine and Bioethics*, 38(6), 465–482.
- Køster, A. (2019). Lidelsen i tabet: Fænomenologiske betragtninger over tabserfaringens affektive dybde. *Psyke & Logos*, 40, 38–60.
- Køster, A. (2020a). Bereavement and the meaning of profound feelings of emptiness: An existential-phenomenological analysis. In C. Tewes & G. Stanghellini (Eds.), *Time and body: Phenomenological and psychopathological approaches* (pp. 125–143). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Køster, A. (2020b). Longing for concreteness: How body memory matters to continuing bonds. *Mortality*, 25(4), 389–401.
- Køster, A. (2021). The felt sense of the other: Contours of a sensorium. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 20(1), 57–73.
- Langdridge, D. (2007). *Phenomenological psychology: Theory, research and method*. Harlow, UK: Pearson Education.
- Lindemann, E. (1944). Symptomatology and management of acute grief. *American Journal of Psychiatry*, 101(2), 141–148.
- Merleau-Ponty, M. ([1945] 1999). *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Morley, J. (2019). Phenomenology in nursing studies: New perspectives—Commentary. *International Journal of Nursing Studies*, 93, 163–167.
- Nancy, J.-L., & Hanson, S. (2002). L'intrus. *CR: The New Centennial Review*, 2(3), 1–14.
- O'Connor, M.-F., Wellisch, D. K., Stanton, A. L., Eisenberger, N. I., Irwin, M. R., & Lieberman, M. D. (2008). Craving love? Enduring grief activates brain's reward center. *NeuroImage*, 42(2), 969–972.
- Parkes, C. M., & Prigerson, H. G. (2013). *Bereavement: Studies of grief in adult life*. New York, NY: Routledge.
- Petitmengin, C. (2006). Describing one's subjective experience in the second person: An interview method for the science of consciousness. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 5(3–4), 229–269.
- Petitmengin, C., Baulac, M., & Navarro, V. (2006). Seizure anticipation: Are neurophenomenological approaches able to detect preictal symptoms? *Epilepsy & Behavior*, 9(2), 298–306.
- Petitmengin, C., Remillieux, A., & Valenzuela-Moguillansky, C. (2019). Discovering the structures of lived experience. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 18, 691–730.

- Ratcliffe, M. (2008). *Feelings of being: Phenomenology, psychiatry and the sense of reality*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Ratcliffe, M. (2017). Grief and the unity of emotion. *Midwest Studies in Philosophy*, 41(1), 154–174.
- Ratcliffe, M. (2020). Sensed presence without sensory qualities: A phenomenological study of bereavement hallucinations. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*. Advance online publication. doi:10.1007/s11097-020-09666-2
- Slatman, J. (2016). Is it possible to “incorporate” a scar? Revisiting a basic concept in phenomenology. *Human Studies*, 39(3), 347–363.
- Slatman, J., Halsema, A., & Meershoek, A. (2016). Responding to scars after breast surgery. *Qualitative Health Research*, 26(12), 1614–1626.
- Smith, J. A. (2010). Interpretative phenomenological analysis: A reply to Amedeo Giorgi. *Existential Analysis*, 21(2), 186–193.
- Smith, J. A. (2018). “Yes it is phenomenological”: A reply to Max van Manen’s critique of interpretative phenomenological analysis. *Qualitative Health Research*, 28(12), 1955–1958.
- Smith, J. A., Flowers, P., & Larkin, M. (2009). *Interpretative phenomenological analysis: Theory, method and research*. London, UK: Sage.
- Stanghellini, G., & Rosfort, R. (2013). Borderline depression: A desperate vitality. *Journal of Consciousness Studies*, 20(7–8), 153–177.
- Stolorow, R. D. (2011). *World, affectivity, trauma: Heidegger and post-Cartesian psychoanalysis*. New York, NY: Routledge.
- Stolorow, R. D. (2019). A phenomenological-contextual, existential, and ethical perspective on emotional trauma. In G. Stanghellini, M. Broome, A. V. Fernandez, P. Fusar-Poli, A. Raballo, & R. Rosfort (Eds.), *The Oxford handbook of phenomenological psychopathology*. Oxford, UK: Oxford University Press. doi:10.1093/oxfordhb/9780198803157.013.85
- Todres, L., Galvin, K., & Dahlberg, K. (2007). Lifeworld-led healthcare: Revisiting a humanising philosophy that integrates emerging trends. *Medicine, Health Care and Philosophy*, 10(1), 53–63.
- Todres, L., Galvin, K. T., & Holloway, I. (2009). The humanization of healthcare: A value framework for qualitative research. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-Being*, 4(2), 68–77.
- Toombs, S. K. (1995). The lived experience of disability. *Human Studies*, 18(1), 9–23.
- van Manen, M. (1990). *Researching lived experience: Human science for an action sensitive pedagogy*. London, Ontario, Canada: Althouse Press.
- van Manen, M. (2016). *Phenomenology of practice: Meaning-giving methods in*

- phenomenological research and writing. New York, NY: Routledge.
- van Manen, M. (2017). But is it phenomenology? *Qualitative Health Research*, 27(6), 775–779.
- van Manen, M. (2018). Rebuttal rejoinder: Present IPA for what it is—Interpretative psychological analysis. *Qualitative Health Research*, 28(12), 1959–1968.
- van Manen, M. (2019). Rebuttal: Doing phenomenology on the things. *Qualitative Health Research*, 29(6), 908–925.
- Young, I. M. (1980). Throwing like a girl: A phenomenology of feminine body comportment motility and spatiality. *Human Studies*, 3(1), 137–156.
- Zahavi, D. (2019). Forthcoming. ‘Applied phenomenology: Why it is safe to ignore the Epoché’. *Continental Philosophy Review*. <https://doi.org/10.1007/s11007-019-09463-y>.
- Zahavi, D. (2018). *Phenomenology: The basics*. New York: Routledge.
- Zahavi, D. (2020). The practice of phenomenology: The case of max van Manen. *Nursing Philosophy*, 21(2), e12276. <https://doi.org/10.1111/nup.12276>.
- Zahavi, D., & Martiny, K. M. M. (2019). Phenomenology in nursing studies: New perspectives. *International Journal of Nursing Studies*, 93, 155–162.